

Regional

TRAGÉDIA NA REGIÃO SERRANA

Mistérios em acidente de trem

Desastre ocorrido há quase 63 anos em Alfredo Chaves causou a morte de 19 pessoas. Dinheiro que estava em cofre nunca foi achado

Julio Huber
ALFREDO CHAVES

O Espírito Santo guarda muitas histórias pouco conhecidas pelos capixabas. Uma delas é sobre um desastre de trem que aconteceu no dia 23 de dezembro de 1950, na localidade de Ibitiruí, em Alfredo Chaves. Quase 63 anos depois do ocorrido, ainda há muitos mistérios que intrigam moradores e pesquisadores.

Segundo registros do Arquivo Público do Espírito Santo e de reportagens feitas na época, morreram 19 pessoas e dezenas ficaram feridas. O desastre ocorreu próximo à estação de Engano, com o Noturno – nome do trem da Leopoldina Railway –, que seguia do Rio de Janeiro para Vitória.

Entre os mistérios que rondam o trágico desastre se destaca o sumiço do dinheiro que estava em um cofre de um dos vagões e que seria usado para pagar os funcionários da ferrovia. Dois dias depois do acidente o cofre foi encontrado vazio, e até hoje não se sabe o que aconteceu com o dinheiro.

Centenas de pessoas lotavam os 11 vagões, que traziam capixabas para comemorar o Natal com suas famílias. Muitos dos passageiros trabalhavam no Rio de Janeiro e retornavam para suas casas.

O maquinista do trem relatou à polícia na época da tragédia que a composição ficou sem freio após uma descida e descarrilou no local conhecido como Corte.

O acidente, segundo moradores de Ibitiruí que ajudaram no resgate de feridos, aconteceu por volta das 19 horas. Cerca de uma hora e meia depois, a notícia chegou à Grande Vitória, quando começou a mobilização para o envio do socorro.

As primeiras notícias eram que o número de mortos poderia passar de 100. Outras notícias diziam que não havia mortos. No local, o cenário era o pior possível: um amontoado de vagões atravessados na ferrovia e caídos em um barranco.

“Eu ouvi o barulho do acidente da minha casa e assisti a todo o movimento de resgate, pois morava do outro lado da linha. Meus irmãos foram ajudar a resgatar os feridos, mas eu não fui, pois era criança na época. Os vagões de trem ficaram amontoados”, contou o aposentado Valter Fiorin, 76.

Outro aposentado e morador de Ibitiruí, Pedro Bortoluzze, 80, contou que ouviu a notícia pelo rádio. “Havia corpos pendurados em árvores e vagões entraram um dentro do outro. Foram vários dias para retirar os pedaços do trem.”



LINHA FÉRREA EM ALFREDO CHAVES, onde houve acidente: dezenas de pessoas ficaram feridas na tragédia com o trem Noturno, que seguia do Rio para Vitória

Testemunhas afirmam que foram mais de 40 mortos

Apesar dos registros históricos afirmarem que morreram 19 pessoas na tragédia com o trem Noturno, em Alfredo Chaves, moradores da época garantem que o número de vítimas foi maior. Comerciante em Ibitiruí desde 1962, Luiz Piccoli, 74 anos, disse que havia mais de 40 corpos.

“Na época eu tinha 10 anos e passei pelo local no dia seguinte para ir à escola. Lembro-me de meu pai contando que os feridos gritavam por socorro e muitos pediam para serem mortos, pois não aguentavam de tanta dor. O cenário era de destruição e eram dezenas de mortos, mais de 40”, contou.

O empresário Carlos Prest, 68, disse que seu pai contava que os mortos ficaram amontoados em meio a destroços e eram dezenas. Reportagens da época relatam que



LUIZ: “Cenário de destruição”

TRISTEZA



FOTOS: JULIO HUBER

“Eu poderia ter sido um dos mortos”

O aposentado Alexandre Fiorin, 83, morador de Alfredo Chaves, na época da tragédia com o Noturno servia ao Exército no Rio de Janeiro e iria embarcar no trem. Ele conta que, de última hora, seu comando não permitiu a viagem.

“Eu poderia estar junto e até ter sido um dos mortos, já que colegas

meus perderam a vida nesse trágico acidente. Felizmente, precisei ficar para ajudar na segurança presidencial no final de ano e não embarquei. Meu pai estava em Ibitiruí, perto do local, e passou a noite e a madrugada ajudando no resgate dos feridos”, contou o aposentado.

A mulher de Alexandre, Zaurita Fa-

vero Fiorin, 78, disse que passou pelo local da tragédia no dia seguinte, quando os feridos já haviam sido levados a hospitais da Grande Vitória.

“Foi preciso cortar ferros grossos com serra manual para retirar os feridos dos escombros. Foi um Natal muito triste para todos e a notícia correu o Brasil”, lembrou.

“Meu irmão pulou do trem na hora”

O agricultor Antenor Favero, 79 anos – que na época do acidente de trem em Alfredo Chaves tinha 16 anos –, lembra que após o desastre foi logo ao local ver o que havia acontecido e ajudar no resgate, já que morava nas proximidades. No caminho, um conhecido disse a ele que seu irmão, que hoje já morreu, estava no trem, mas não se feriu.

“Meu irmão servia ao Exército e nós não sabíamos que ele estava voltando para casa”, contou.

Segundo Antenor, o irmão dele estava na lateral de um dos vagões se preparando para saltar na próxima estação, a cerca de 500 metros de onde foi o acidente. “Ele contou que na hora em que a locomotiva bateu na parede de pedras e os vagões começaram a descarrilar, ele

conseguiu pular e não se feriu.”

Antenor disse que passou a noite toda ajudando a resgatar os feridos e a juntar presentes que os passageiros traziam para come-

morar o Natal. “Eram muitas coisas que ficaram espalhadas. Eu contei 17 corpos enfileirados e muitos feridos. Foi um dia terrível”, lembrou.



ANTENOR FAVERO ajudou a resgatar os feridos: “Eu contei 17 corpos enfileirados e muitos feridos. Foi um dia terrível”, lembrou

História é tema de trabalho escolar

Apesar de o acidente de trem ter marcado a história de Alfredo Chaves e do Estado, o fato ainda é desconhecido por muitos moradores. Com o objetivo de não deixar essa história no esquecimento, a Escola de Ensino Fundamental Engano, em Ibitiruí promoveu um projeto de leitura que teve a tragé-

dia como tema.

De acordo com a diretora Rogéria Lúcia Fiorin Gaigher, os estudantes se basearam em uma pesquisa feita por três amigos que nasceram na localidade, Henrique e André Fiorin e Lucas Secchin, que após pesquisas montaram um blog com a história do acidente.

“Os estudantes ficaram fascinados com o caso e se empenharam muito. Eles foram até o local, fotografaram e pesquisaram durante dois meses os fatos sobre essa tragédia. A pesquisa feita pelo blog Diário do Engano ajudou muito nesse trabalho de resgate histórico”, destacou a diretora.